

*A REPRESENTAÇÃO DE SEGMENTOS COMPLEXOS DA LÍNGUA GERAL NOS  
SÉCULOS XVIII E XIX\**  
(BRAZILIAN GENERAL LANGUAGE ON 18<sup>TH</sup> AND 19<sup>TH</sup> CENTURIES  
DOCUMENTS)

Aline CRUZ (Mestranda; FFLCH/USP/CAPES; Historiografia da Linguística)  
Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

**ABSTRACT:** *This paper aims at showing how the prenasalized allophones ([mb, nd, ng]) of general languages spoken in Brazil in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries were recorded in the documents edited by Martius (1794 – 1868) at Glossaria Linguarum Brasiliensium (1863).*

**Keywords.** *Brazilian general language (fam. Tupi-Guarani); Phonology; complex segments; Martius (1794 – 1868).*

**0. Introdução**

MONSERRAT (2003), por meio da análise de textos religiosos e de vocabulários, observou que, na língua geral falada na região amazônica no século XVIII, uma série de fonemas oclusivos surdos /p, t, k/ se opunha a uma série de fonemas nasais /m, n, ŋ/, sem que houvesse uma série de oclusivas sonoras. Isso significa que os traços relativos aos articuladores ativos [labial], [coronal], [dorsal] e à cavidade nasal [nasal] bastavam para distinguir esses fonemas, não sendo necessário recorrer à distinção de [± voz], como fazem as línguas em que [b, d, g] funcionam como fonemas. A autora também propôs a existência de duas sibilantes, uma vibrante e dois glides. Quanto às vogais, havia seis vogais orais e cinco vogais nasais.

**Quadro I: Sistema Fonológico da língua geral brasílica  
(Monserrat 2003: 188)**

Consoantes	Vogais Oraís	Vogais Nasais
p t k	i ĩ u	ĩ ã
m n ŋ	e o	e <sup>Ⓛ</sup> õ
		Ⓛ
s š	a	ã
r		
w y		

Segundo WETZELS (1995), a oposição de uma série de consoantes oclusivas surdas a uma série de consoantes nasais, sem que haja uma série de oclusivas sonoras, correlaciona-se à realização de contornos nasais [ᵐb, ᵐd, ᵐg], o que de fato ocorria na língua geral brasílica. Como bem notou CÂMARA (1979[1965]), esses segmentos

complexos trouxeram dificuldades para os missionários e viajantes que se propuseram a documentar essa língua a partir do século XVI.

Neste artigo, procurou-se observar como o naturalista Karl Friedrich Philipp von Martius (1784 – 1868) tratou o problema de representação gráfica dos contornos nasais, ao editar os *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), obra de natureza compilatória que reúne três dicionários, 92 listas de palavras, quatro vocabulários temáticos e uma comparação entre vocábulos de línguas indígenas faladas no Brasil e em países vizinhos.

## 1. Material de Análise

O material de análise constitui-se das listas de palavras ou dicionários que, nos limites dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (doravante GLB), registram línguas gerais faladas no Brasil. São três os materiais que correspondem a esse critério:

- *Diccionario da Lingua Geral Brasilica: portuguez e alemão* (Anônimo);
- *Diccionario de Verbos: portuguez tupi-austral e alemão* (Anônimo);
- *Glossário do dialeto vulgar do Pará* (Spix e Martius).

O *Diccionario da Lingua Geral Brasilica: portuguez e alemão* (doravante DLGB<sub>XVIII</sub>) disponibiliza 1.873 verbetes, que ocupam as páginas 31 a 97 dos GLB. Trata-se de um dicionário trilingüe, com entradas em língua geral brasilica, seguidas das versões em português e em alemão. Em 1795, uma versão bilíngüe (língua geral brasilica – português) havia sido publicada em Lisboa pela Imprensa Oficial como *Diccionario portuguez e brasiliano*, editado por Frei Velloso (1742 – 1811). Martius admite ter incorporado “vários acréscimos e correções” ao original (MARTIUS 1969[1863]: 26).

O *Diccionario de Verbos: portuguez tupi-austral e alemão* (DV<sub>XVIII</sub>) disponibiliza 970 verbetes entre as páginas 99 a 122 dos GLB. Diferentemente do DLGB<sub>XVIII</sub>, as entradas do DV<sub>XVIII</sub> são em português, seguidas das versões em tupi austral e em alemão. Trata-se um dicionário anônimo, o qual foi editado por Martius e incorporado ao GLB. Incluímos esse documento em nossa análise, porque o tupi austral é considerado a língua geral falada em São Paulo nos séculos XVII e XVIII (cf. RODRIGUES 1996).

O *Glossário do dialeto vulgar do Pará* (GDVP<sub>XIX</sub>) é uma lista de 396 vocábulos, coletados por Spix e Martius durante sua expedição pelo Brasil entre 1817 e 1820. Diferentemente dos demais materiais, essa lista apresenta as entradas em latim com sua versão para a língua geral brasilica falada no Pará no século XIX, sem nenhuma versão em alemão. Ocupa as páginas 7 a 11 dos GLB.

## 2. A Representação dos Contornos Nasais

Martius afirmou que a grafia utilizada nos três materiais corresponde à utilizada no português no século XIX. Entretanto, os contornos nasais não ocorrem nas

línguas indo-europeias, de modo que o editor teve de elaborar estratégias para representá-los. A dificuldade de representar esse tipo de segmento no trabalho de Martius é evidente. No GDVP<sub>XIX</sub>, cujos dados foram recolhidos e registrados pelo naturalista, o verbete *serpens* “serpente” foi registrado com três possibilidades de grafia: <mb>, que evidencia o contorno; <m>, que privilegia o traço [nasal] e <b>, que privilegia a representação da oclusiva sonora:

(1) *serpens* – *boya*, *mboya*, *moya*. (GDVP<sub>XIX</sub>: 10)

Das três possibilidades, Martius parece ter evitado aquela que melhor representa o contorno nasal, <mb>:

*Mb*, mit geschlossenem Munde, hört *mano ft*, weil das Wort *mbae*, Sache, in vielen Zusammensetzungen erscheint. **Auch bei zahlreichen andern Worten bemerkt man einen ähnlichen Zusammenschluss der Lippen, ohne dass jedoch diesem Laute in der Schreibung Rechnung getragen würde.**

[*Mb*, com a boca fechada, se ouve muito, porque a palavra *mbae*, coisa, aparece em muitas composições. Também **em muitas outras palavras se percebe um fechamento dos lábios semelhante, sem que isso se reflita na escrita.**] (MARTIUS 1969: 29, trad. Íris Bachmann, ênfase acrescentada).

### 2.1 A omissão dos contornos nasais em posição inicial

Em posição inicial, os documentos sobre a língua geral brasílica (DLGB<sub>XVIII</sub> e GDVP<sub>XIX</sub>) privilegiam as grafias <m>, <n> e <nh> para as consoantes nasais /m, n, ŋ/. Entretanto, é possível que esses grafemas omitam a realização dos contornos nasais [<sup>m</sup>b, <sup>n</sup>d, <sup>ŋ</sup>g]. No DLGB<sub>XVIII</sub>, foram registrados três vocábulos com a grafia <mb>, dois com a grafia <nd>, um com a grafia <nb> em posição inicial e não há registro sobre um possível contorno com articulação dorsal. A forma <nb> parece resultar de falha de edição, uma vez que o vocábulo *nbaé* é registrado após o vocábulo *nde*, desrespeitando a ordem alfabética utilizada no dicionário:

(2) Representação de contorno no DLGB<sub>XVIII</sub>

<mb>            **mbaacy** – *adoecer*, erkranken. (DLGB<sub>XVIII</sub>: 62)

**mbae** – *cousa*, Sache. (DLGB<sub>XVIII</sub>: 62)

**mboi boi** – *jarretar*, Kniekehle (DLGB<sub>XVIII</sub>: 63)

<nd>            **ndaerojaí** – *e nem por isso*, selbst darum nicht.

**nde** – *tu*, du

<nb> **nbaé** – *teu, tua, deine* (Sache). (DLGB<sub>XVIII</sub>: 73)

Nos GDVP<sub>XIX</sub>, cujos vocábulos foram recolhidos e registrados por Martius, a representação dos contornos nasais [ᵐb], [ᵑd] e [ᵑᵍ] ocorre apenas nos vocábulos *nde* “tu”, *mbae* “cousa”, grafados dessa forma desde Anchieta (1990[1595]). Nesse caso, a manutenção das grafias <mb> e <nd> pode ter sido vista como uma forma de mostrar que, embora a língua geral brasílica tivesse se modificado desde do século XVI, o fato de a língua ter sido estabelecida por escrito, ajudava a fixar sua pronúncia (cf. MARTIUS 1969[1863]: XIII).

No DV<sub>XVIII</sub>, também são poucos os vocábulos, em que contornos nasais são representados pelos grafemas <mb>, <nd>, <nb>:

(3) Representação de contorno no DV<sub>XVIII</sub>

<mb> cativar – *mbiguaya, gefangen nehmen*. (DV<sub>XVIII</sub>: 104).

<nb> adoecer – *nbaraâ, erkranken*. (DV<sub>XVIII</sub>: 102)

<nd> abusar – *ndoxereroviai, missbrauchen* (DV<sub>XVIII</sub>: 101)

Em geral, em posição inicial, no DV<sub>XVIII</sub>, privilegiaram-se as grafias <b>, <d> e <g>, que possivelmente tinham pronúncia tanto como oclusiva sonora quanto como contorno nasal. Em (4), são levantados alguns exemplos:

(4)

<b> meter huma couza dentro d’outra – *bôique baê ambôáé*, [...] (DV<sub>XVIII</sub>: 114).

<d> madrugar – *docôé retê*, [...]. (DV<sub>XVIII</sub>: 113).

<g> desembarcar – *ancen gará pupe, aussschiffen*, (sahir de dentro da embarçaó, [...]) (DV<sub>XVIII</sub>: 108).

A representação da consoante inicial como oclusiva sonora ocorre também na representação de vocábulos em que é possível perceber a existência do morfema causativo. Nos documentos sobre a língua geral brasílica, o morfema causativo é representado como ‘mo-’; no documento sobre o tupi austral, por sua vez, o morfema causativo é registrado como ‘bo-’. A comparação entre os vocábulos que são traduzidos por “brincar” no DLGB<sub>XVIII</sub> e no DV<sub>XVIII</sub> permite que se verifique essa distinção:

(5) mo → bo

jemoçárai → boçarae  
(DLGB<sub>XVIII</sub>) → (DV<sub>XVIII</sub>)

Também em relação ao morfema de negação, é possível notar uma preferência pela grafia como nasal nos documentos sobre a língua geral brasílica e como oclusiva sonora no DV<sub>XVIII</sub>. No DLGB<sub>XVIII</sub>, o morfema de negação varia entre as grafias <nd> e <n>, enquanto no DV<sub>XVIII</sub>, ocorre variação entre <nd> e <b>:

(6a) LGB: n ~ nd

<n> napóei – *não longe*, nicht weit. (DLGB<sub>XVIII</sub>: 73)

<nd> ndaerojai – *e nem por isso*, [...]. (DLGB<sub>XVIII</sub>: 73)

(6b) Tupi Austral: nd ~ d

<nd> abominar – *ndaroviar* - neg., [...] (DV: 101).

<d> contradizer – *daicô-enheenga*, widersprechen, (*naô estou no que me diz*, [...]) (DV<sub>XVIII</sub>: 105)

## 2.2 A representação dos contornos nasais em posição intervocálica

Em posição intervocálica, os segmentos complexos [mb, nd, ŋg] ocorrem freqüentemente nos três materiais, mas não se encontra consoante nasal seguida por oclusivas surdas (\*mp, \*nt, \*nk). Os três dicionários analisados apresentam esse padrão de forma quase categórica, como mostram os exemplos no Quadro II:

**Quadro II: Representação de contornos nasais em posição intervocálica**

	<b>mb</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>
<b>GDVP (XIX)</b>	m e <b>m b</b> y r a r (gigno, ere)	c e n d ũ (audire)	n h e e n g á r (cantare)
<b>DLGB (XVIII)</b> )	j [ e ] <b>m b</b> a a ç y (esurio, ere)	caâ-mondô (venari)	porançaba acanga (capite dolore)
	m e <b>m b</b> ý r á r (parir)	c e n d ú (escutar)	n h e e n g á r (cantar)
	oicó <b>t e m b é m</b> (carecer)	m e n d á r (casar)	acanga aeí (doer a cabeça)
<b>D V (XVIII)</b> )	a <b>m b</b> o y e p ũ c a (alcançar)	a c e n d ú b (ouvir)	n h e e n g á (cantar)
	ô m o m b a ê ú (sustentar)	M e n d â (cazar)	n ó n h á n g u ê r ú (não respirar)

Houve poucas exceções, identificadas em (7):

(7)

<nt> cheirar – *centun*, riechen. (DV<sub>XVIII</sub>: 104)

<nt> [nheéng] çantám – *fallar alto* [...] (DLGB<sub>XVIII</sub>: 73)  
 <mp> unguis – poampe (GDVP<sub>XIX</sub>: 11)

A regularidade desse processo nos três materiais examinados permite supor que atuava nas línguas analisadas uma regra fonotática para impedir a realização de segmento nasal diante de oclusiva surda, restrição que ocorre em muitas línguas naturais (cf. CLEMENTS 2001). É possível que esse tipo de restrição — conhecida como \*NT — atuasse na língua geral brasílica (séc. XVIII e XIX) e no tupi austral (XVIII):

RESTRIÇÃO \*NT  
 a. \*NT: \*[+ nasal] [– contínuo, – voz]  
 b. INSERT ([+ voz])  
 Lê-se: quando encontrar um segmento nasal seguido de consoante oclusiva surda, insira o traço de vozeamento.

Segundo essa hipótese, para não realizar oclusiva surda diante de consoante nasal, as línguas gerais estariam inserindo um traço [+ voz] na consoante oclusiva. Esse processo fica claro quando ocorre com formas relacionadas:

(8) [k] → [ng]

kér – *dormir*. (DLGB<sub>XVIII</sub>: 60)

mongér – *adormecer a outrem* (DLGB<sub>XVIII</sub>: 70)

O esquema abaixo formaliza a hipótese da aplicação da restrição \*NT na formação de *mongér* a partir do morfema causativo ‘mo-’ ao vocábulo registrado como verbo, *kér* (dormir):

	INPUT		OUTPUT
	monkér		T mongér
nasal	+		+
contínuo	–	→	–
voz	–		+

Também na adaptação de vocábulos emprestados do português, é possível perceber que atuava a mesma restrição:

(9) [nt] → [nd]

jandára (port.) – *jantar*, zu Mittag essen. (DLGB<sub>XVIII</sub>: 54)

Na minha interpretação, é possível que atuasse, nas línguas gerais documentadas no século XVIII e XIX, uma restrição desse tipo. Para verificar essa hipótese seria preciso analisar mais documentos do século XVIII, comparando-os com os desenvolvimentos atuais da língua geral brasileira, chamada de Nheengatu. Uma análise desse tipo, entretanto, escapa aos objetivos deste trabalho de entender como os segmentos complexos foram representados na documentação sobre línguas gerais compilada por Martius.

### 3. O julgamento estético dos contornos nasais

Nos materiais sobre línguas gerais compilados nos GLB, os contornos nasais foram preferencialmente registrados quando ocorriam em posição intervocálica, raramente quando em início de vocábulo. Em posição intervocálica, os segmentos complexos [mb, nd, ŋg] puderam ser registrados porque não causavam estranhamento, dado que em línguas européias ocorre o encontro de nasal com oclusiva, embora jamais na mesma sílaba. Em português, por exemplo, temos *câm.bio*, *cam.po*, mas a silabificação como *\*câ.mbio* ou *\*ca.mpo* é impossível. Na escrita, porém, a grafia de <mb>, <nd> e <ng> em posição intervocálica não provoca nenhum estranhamento, porque o falante de línguas indo-européias entende a nasal como coda da sílaba antecedente e a oclusiva como *onset* da próxima sílaba. No início de vocábulo, as grafias <mb>, <nd> e <ng>, como em *mbaê*, causam estranhamento, porque o falante de línguas indo-européias tem dificuldade de interpretar os contornos nasais, uma vez que eles não ocorrem em suas línguas maternas.

Na edição dos GLB, os contornos nasais trouxeram dificuldades a Martius, que optou por sua omissão em posição inicial. Essa opção pode estar relacionada ao fato de o naturalista acreditar em uma suposta ‘superioridade’ do que ele chamou de ‘tupi’ em relação às demais línguas ameríndias:

Die Tupi empfiehlt sich vor vielen andern amerikanischen Sprachen durch ihren Wohlklang und die verhältnissmäßig grössere Leichtigkeit der Aussprache. Sie besitzt viele und reine Vocale und leidet nicht an jener Anhäufung von gutturalen oder zwischen de Zähnen gesprochenen und in einander überfließenden, darum schwer aufzufassenden, noch schwerer wiederzugebenden., darum schwe aufzufassenden Consonanten, wie so viele andere.

O Tupi destaca-se entre muitas outras línguas americanas pela bela sonoridade e pronúncia relativamente mais fácil. Ela tem muitas e puras vogais e **não é vítima de um amontado de consoantes** guturais, ou de consoantes pronunciadas entre os dentes ou de outras **que não apresentam uma fronteira precisa, e portanto são difíceis de perceber, e ainda mais difícil de representar**, como acontece em muitas

outras línguas. (MARTIUS 1969[1863]: 28, trad. Iris Bachmann, ênfase acrescentada).

Nos documentos sobre a língua geral brasílica, os grafemas <m>, <n>, <nh>, que correspondem a consoantes nasais, foram registrados em posição inicial, evitando dessa forma o registro dos segmentos alheios ao sistema de línguas indo-européias. Em contrapartida, no documento sobre o tupi austral, foi dada preferência ao registro como oclusiva, utilizando os grafemas <b>, <d>, <g>. Pelo menos em relação à língua geral brasílica, a opção pela grafia das nasais parece ter sido adequada, uma vez que na variedade moderna da língua, chamada Nheengatu, os segmentos [ᵐb] e [ᵐd] se reduziram a /m/ e /n/ em posição inicial e, em algumas regiões, também em posição intervocálica (TAYLOR 1985: 7). Quanto ao que teria ocorrido com o tupi austral, não temos mais como saber, uma vez que a língua foi extinta no início do século XX (RODRIGUES 1996). A opção diferente de registro para a língua geral brasílica e para o tupi austral estava de acordo com a visão do naturalista de que, embora as duas línguas gerais tivessem uma origem comum, não constituíam mais a mesma língua.

RESUMO: Este artigo buscou entender como os segmentos prenasalizados [ᵐb, ᵐd, ᵐg], foram representados na documentação de línguas gerais faladas na América portuguesa nos séculos XVIII e XIX, tal como compilado nos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, editado por Martius (1794 – 1868) em 1863.

PALAVRAS-CHAVES: Língua Geral (família Tupi-Guarani); línguas indígenas brasileiras, fonologia; contornos nasais; Martius (1794 -1868).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, Pe. J. *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. [Ed. fac-similar]. São Paulo: Loyolla, 1990. (1ª. ed. Coimbra: Antônio Mariz, 1595).
- CAMARA, J. M. 1979[1965]. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 3ª. ed.
- CLEMENTS, G. N. “Representational economy in constraint-based phonology”. In: HALL, A. (ed.). *Distinctive Feature Theory*. Berlin: Mouton de Greyter, 2001.
- CRUZ, A. *O Resgate da Língua Geral — Modos de Representação das unidades lingüísticas da Língua Geral Brasílica e do Tupi Austral na obra de Martius (1794 – 1868)*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: FFLCH – USP, 2005.
- MARTIUS, K. F. P. von. *Glossaria Linguarum Brasiliensium. Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Wiesbaden: Martin Sandig, 1969.(1a. ed. Erlangen: Druck von Junge & Sohn, 1863).
- MONSERRAT, R. M. F. “O tupi do século XVIII (tupi-médio)”. In: BESSA FREIRE, J. R. & ROSA, M. C. (org.). *Línguas Gerais — Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2003, pp. 185-194.



- RODRIGUES, A. D. “As línguas gerais sul-americanas”. *Papia. Revista de crioulos de base ibérica*, vol. 4, n.2, 1996, pp. 6-18. [Em novembro de 2005, estava disponível em [http://www.unb.br/il/lali/publicacoes/publ\\_002.html](http://www.unb.br/il/lali/publicacoes/publ_002.html)]
- TAYLOR, G. 1985. “Apontamentos sobre o Nheengatu falado no rio Negro, Brasil”. Paris: *Amérindia: revue d'ethnolinguistique amérindienne* 10: 5 -23.
- WETZELS, W. L. “Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng”. *Estudos Fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995, pp. 266 – 296.